

Projecto de Dinamização da Biblioteca Solidária Alda do Espírito Santo

Nome

Sara Garizo Tavares

Orientação:

Carla Alexandra Coelho

Janeiro, 2012

Projecto Final: Leitura, Aprendizagem e Integração das
Bibliotecas nas Actividades Educativas

Resumo

Este projecto nasce da vontade de se apoiar uma **biblioteca solidária**, integrada num meio onde o livro e a leitura não assumem a devida importância e onde os níveis de iliteracia são bastante elevados.

O trabalho é sustentado numa dimensão teórica que remete para as várias abordagens ao **ensino da leitura** – desde os métodos ascendentes aos métodos globais – salientando os aspectos cognitivos mas também sociológicos inerentes à sua aprendizagem. Acima de tudo, realça-se a necessidade de um conhecimento profundo destes métodos, como forma de se desenvolverem acções pertinentes para uma melhoria significativa dos níveis de literacia das comunidades em que a referida biblioteca está inserida e de outras comunidades de âmbito geográfico mais distante.

Parte-se do pressuposto de que quanto mais elevados os **níveis de literacia** dos cidadãos melhor será a sua qualidade de vida, pelo que é importante implementarem-se dinâmicas que contribuam de forma inquestionável para o desenvolvimento de competências como a leitura, a audição, o cálculo, o raciocínio e o pensamento crítico. Desenvolver **competências** de literacia é desenvolver-se um certo sentido de **liberdade** e um conjunto de diferentes aptidões numa aprendizagem progressiva, ao longo da vida.

A concretização destes princípios passa por um **trabalho cooperativo** e de gestão de parcerias entre as várias instituições que constituem uma comunidade. O papel das bibliotecas, hoje em dia, extrapola o simples desígnio de sala de leitura e implica uma acção mais alargada e diversificada para um público diferenciado. Assume-se, portanto, a necessidade de um trabalho conjunto entre bibliotecas, autarquias, empresas locais, associações e famílias. E defende-se a pertinência desta colaboração, por se considerar que a escola não deve e não pode ser a única instituição responsável por uma aprendizagem que se quer ao longo da vida.

A execução deste projecto pressupõe a realização e implementação de uma série de actividades que pretende ser um contributo enriquecedor para a dinâmica da Biblioteca Solidária Alda do Espírito Santo, em S. Tomé, e suscitar um maior interesse por parte de jovens e adultos S. Tomenses pelo mundo dos livros e das artes da imaginação. A concretização destes pressupostos será decisiva para o culminar de uma ambição maior: o cumprimento dos **Objectivos de Desenvolvimento do Milénio**.

Abstract

This project arises from a will to support a **joint library** working in a place where books and reading are not acknowledged as a priority and where the illiteracy levels are quite high.

This project stands on a theoretical dimension that leads us to several approaches about **the teaching of reading** – from the ascendant to the global methods – by highlighting not only the cognitive but also the sociological aspects related to the learning of reading. Above all, one underlines the need for a deep knowledge of these methods as a way to develop relevant actions to the significant improvement of the literacy levels of the communities where this library stands as well as from other geographically farther communities.

Based on the assumption that the higher the **literacy levels** of the citizens, the better their living conditions will be, this project aspires to carry out with activities that give an unquestionable input to the development of **skills** like reading, listening, numeracy, reasoning and critical thinking. The development of literacy competences requires a sense of **freedom** and a set of several skills in a progressive life long learning process.

The accomplishment of these principles demands a **cooperative work** and the management of partnerships between the different institutions that form the community. Nowadays, the role of libraries goes beyond the simple function of a reading room and it also implies an enlarged and varied action to a varied audience. Thus, this new role of libraries should be viewed within a context of a collaborative work among libraries, local authorities, local companies, associations and families. Therefore, it is assumed that this collaboration is very relevant as school should not and can not be the only responsible institution for a life long learning.

The performing of this project implies the achievement and implementation of a set of activities that might be an enriching contribution to the dynamics of the Joint Library Alda do Espírito Santo in S. Tomé and that might promote a positive involvement of the youth and adults from S. Tomé in the world of books and the arts of imagination. The accomplishment of these assumptions will be decisive to respond to a larger ambition: the fulfilment of the **Millennium Development Goals**.

Índice

Introdução – tema e âmbito do projecto	5
I. Enquadramento Teórico	
1.1. A aprendizagem da leitura	8
1.2. Constrangimentos na aprendizagem da leitura	12
1.3. Como a aquisição de competências de literacia facilitará o cumprimento dos <i>Objectivos de Desenvolvimento do Milénio</i>	16
II. Enquadramento Prático	
2.1. Apresentação do projecto	20
2.2. Financiamento do projecto	21
2.3. Cronograma das <i>Cacautividades</i>	22
2.4. <i>Cacautividades</i>	23
Considerações Finais	48
Constrangimentos e limitações do trabalho	49
Bibliografia	50

*Sempre imaginei o paraíso como
uma espécie de biblioteca.*

Jorge Luís Borges

Introdução – tema e âmbito do projecto

Este projecto surge na sequência da frequência da Pós-Graduação em *Leitura, Aprendizagem e Integração das Bibliotecas nas Actividades Educativas*, procurando aliar conhecimento teórico adquirido no curso com um projecto prático a aplicar numa biblioteca solidária. Tendo presente que este ano se comemora o Ano Europeu do Voluntariado, e que a autora deste trabalho – por exercer voluntariado – tomou conhecimento das necessidades de dinamização de uma biblioteca em S. Tomé e Príncipe, pretendemos elaborar um projecto (voluntário) que traga um contributo enriquecedor a esta biblioteca.

Assumindo que quanto mais elevados são os níveis de literacia de um povo melhor é o seu nível e a sua qualidade de vida, começaremos por tecer algumas considerações teóricas sobre a aprendizagem da leitura, bem como sobre a importância da literacia nos nossos dias e do papel que as bibliotecas, no geral, e esta, em particular, podem e devem de ter junto das suas populações. Defenderemos a importância das parcerias entre escolas e bibliotecas, bem como entre bibliotecas e instituições da comunidade local, como forma de concretizarmos a ambição de contribuirmos para elevar os níveis de literacia dos jovens e adultos da ilha de S. Tomé.

Nas sociedades modernas letradas, o domínio de complexas competências de literacia está relacionado não só com o acesso a determinadas práticas discursivas de importância socialmente reconhecida, mas também a questões de poder, de conhecimento e de cidadania. O programa *Objectivos de Desenvolvimento do Milénio* é a clara evidência de quão determinantes são as questões de educação e de literacia para

todos os cidadãos do mundo. Todavia, os países em desenvolvimento ainda têm um longo caminho a percorrer quanto ao acesso de todas as crianças ao ensino primário universal. Em toda a ilha de S. Tomé, apenas 45 mil jovens frequentam a escola, sendo que dentre uma população de 160 mil pessoas, 75% são jovens com menos de 25 anos.

É, pois, necessário que os governos dos países desenvolvidos assegurem que os países em desenvolvimento canalizem não só maiores orçamentos para as questões da educação, como também que apoiem as famílias pobres, “sob condição de os seus filhos, especialmente as raparigas, estarem escolarizadas”¹. Para isso os países desenvolvidos devem apoiar os países em desenvolvimento, garantindo os recursos necessários para o cumprimento dos *Objectivos do Milénio*. Todavia, as bibliotecas, na sua organização e dinâmica actual, são também, no nosso entender, um recurso essencial para a implementação destes objectivos, ao nível das questões da educação.

O principal objectivo deste trabalho é estruturar um conjunto de actividades que contribua para a dinamização da Biblioteca Solidária Alda Espírito Santo, integrada na CACAU – Casa das Artes, Criação, Ambiente e Utopias, ambas da responsabilidade da associação ROÇAMUNDO, em S. Tomé e Príncipe. Na primeira parte deste trabalho, abordaremos os diferentes métodos teóricos a considerar no ensino da leitura, sem destacarmos algum em particular, mas realçando a importância do conhecimento de tais métodos por parte de quem trabalha numa biblioteca, como forma de melhor orientar as acções a desenvolver. Na segunda parte do trabalho, apresentaremos um conjunto de actividades a implementar para a dinamização da biblioteca solidária e para uma efectiva interacção com o espaço envolvente, mais especificamente com a comunidade local, bem como com as comunidades mais afastadas, com o intuito de modificar modos de vida (iletrados) e cooperar na concretização dos *Objectivos de Desenvolvimento do Milénio* relativos à educação.

O princípio orientador desta proposta é o incremento de acções que contribuam claramente para o desenvolvimento de competências como a leitura, a escrita, o cálculo, o pensamento crítico e o conhecimento cultural, que permitam ao leitor, escritor ou falante reconhecer o uso adequado da linguagem em situações sociais específicas, elevando o seu nível de literacia e, conseqüentemente, tornando-o um cidadão com mais poder para aceder a contextos socialmente reconhecidos. É nossa ambição que as *Cacautividades* motivem os diferentes públicos para uma maior participação nas acções

¹http://www.objectivo2015.org/inicio/index.php?option=com_content&view=article&id=81&Itemid=205, consultado no dia 22 de Setembro de 2011.

desta biblioteca, envolvendo-os na sua dinâmica e contribuindo para a melhoria dos níveis de literacia de pessoas excluídas social e informacionalmente, cativando-as para o mundo dos livros e das artes, e participando na melhoria das suas condições de vida.

Eu sou uma parte de tudo o que li.

John Kieran

I. Enquadramento teórico

1.1. A aprendizagem da leitura

A aprendizagem da língua materna é um processo não apenas cognitivo mas também sociológico. As diferentes e progressivas fases de aprendizagem estão integradas em contextos vários e fundamentais, como a família das crianças, e esta circunstância revela-se determinante no domínio linguístico que as crianças têm quando chegam à escola. Mas, para além disso, a investigação comprova que o contacto das crianças com o livro, desde tenra idade, propicia o seu desenvolvimento, incita à descoberta e estimula a imaginação e a criatividade. Todavia, muitas das crianças que nos chegam à escola não trazem desenvolvida uma prática de manuseamento e de proximidade com o livro, o que prolonga o processo de educação para a leitura e para o livro.

Sousa (1990: 115-116) refere que há duas vertentes associadas à leitura: “a valorização da satisfação que chamaremos de primeiro grau, isto é o prazer imediato de tentar resolver os enigmas suscitados pelas estruturas textuais de superfície e a identificação de pessoas, situações e valores; num segundo grau, a possibilidade que pela leitura nos é dada de explorar e definir o valor e sentido da experiência humana, bem como a de desenvolver a sensibilidade pessoal e a consciência social e moral [...]”.

Entendida como uma atividade essencialmente cognitiva, a leitura pressupõe níveis de processamento de informação que é vantajoso conhecermos, de modo a delinearmos um plano de leitura adequado a crianças em aprendizagem, por um lado, e a melhor compreendermos as dificuldades sentidas por muitas, por outro. Assim, no âmbito desta atividade há que saber quão necessário é, que as crianças possuam um

domínio da língua que vão aprender a ler, nomeadamente em termos de vocabulário básico; que compreendam o carácter simbólico e abstrato da escrita; que tenham uma “consciência” geral da estrutura segmental da linguagem falada e que compreendam a relação entre grafemas de fonemas (Viana e Teixeira, 2002: 86).

No processo de aprender a ler são inúmeros os modelos de leitura que podem ser adoptados. Os modelos ascendentes (Gough, 1972, La Berge e Samuels, 1974) definem a leitura como um percurso linear e hierarquizado em que se parte de processos psicológicos primários – como juntar letras – a processos cognitivos de ordem superior – produção de sentido. Neste sentido, um leitor competente é aquele que domina bem o processo de descodificação. Os modelos de processamento de informação de orientação descendente (Goodman, 1967 e Smith, 1978), por sua vez, defendem que a leitura se baseia no uso de informações sintáctico-semânticas. Contudo, as posições críticas a estes modelos conduziram ao aparecimento dos modelos interactivos, que não incidem numa relação dicotómica entre ordem superior e ordem inferior, mas antes na utilização simultânea e interactiva de capacidades de ordem superior e de capacidades de ordem inferior no acto de ler.

Um dos mais conhecidos modelos interactivos de leitura (Ellis, 1989) demonstra que quando um leitor não reconhece uma palavra, ele procede duma de duas formas: recorrendo ao contexto para tentar identificar a palavra ou fazendo correspondências grafema/fonema que lhe permitem aceder a uma forma fonémica da palavra. O sistema auditivo do leitor procede, então, a uma avaliação da existência dessa palavra. Neste modelo podem verificar-se diferentes sistemas de reconhecimento em simultâneo: o auditivo e o visual, pelo que também se designa este modelo como modelo de “vias paralelas”.

Em correspondência com os modelos apresentados podem ser adoptados variados métodos para o ensino da leitura. Os métodos sintéticos, também designados alfabéticos, fónicos e silábicos incidem na letra, no fonema ou na sílaba, respectivamente. Nestes métodos, parte-se de uma unidade singular (fonema) para a sílaba, depois para a palavra e para as frases. A vertente abstracta inerente a estes métodos conduziu ao abandono dos mesmos, passando-se a ensinar as grafias e os sons com o auxílio do desenho de um objecto cujo nome incorpora o som a ser estudado. O método fonomímico apareceu posteriormente, incidindo o ensino da leitura na atribuição de um sentido real para cada ligação som-letra. Assim, para a memorização de determinada letra, as crianças evocam um determinado som, associando-o à letra

memorizada. Semelhante a este método são os métodos gestuais (S. Borel-Maisonny e B. Lemaire), pela associação que se faz entre uma letra e a sua grafia através, sobretudo, da repetição de uma série de exercícios.

No fim do século XIX, um médico belga – Ovide Decroly – adopta uma nova abordagem da leitura, em que as crianças aprendem a ler palavras que encontram todos os dias, bem como frases que pronunciam e que vão analisando. Ou seja, a leitura é ensinada às crianças partindo de frases pronunciadas por elas no seu dia-a-dia, relativamente a um objecto ou a um acontecimento. Estas frases são escritas, de modo a que as crianças compreendam que as frases escritas correspondem às frases pronunciadas, estabelecendo-se assim a relação entre o oral e o escrito. Este procedimento facilita a aprendizagem das crianças, uma vez que elas reconhecem as frases escritas e repetem-nas porque se lembram das situações que as desencadearam. As crianças reconhecem, compreendem, memorizam e “lêem” algumas palavras (Viana e Teixeira, 2002: 96). Todas estas acções são desencadeadas através da realização de vários exercícios, como sejam exercícios de repetição, reconhecimento e reescrita de palavras, identificação, pronúncia em voz alta, articulação e construção de novas frases e novas histórias. Viana e Teixeira (*idem*: 98) sublinham o aspecto mais inovador destes métodos, nomeadamente a escolha que as crianças podem fazer:

O problema mais importante destes métodos é o da escolha das palavras com o objectivo de facilitar a aprendizagem. A criança não segue um manual, não recorre a um capital de frases ou de palavras preestabelecidas, mas constrói o seu próprio livro. Uma das vantagens mais marcantes é a de dar às crianças uma actividade inteligente e proporcionar, desde o início, o prazer de ler. [...] O método global insere-se numa pedagogia tipo activo, em que a criança deve ser o agente da sua aprendizagem. Deve descobrir por si própria, e não ser o recipiente passivo dos conteúdos estruturados pelo professor. As crianças exprimem-se e o professor deve escutá-las para apreender os seus interesses reais.

A aprendizagem da leitura pode ainda basear-se nos métodos mistos, os quais englobam processos de leitura ascendentes e descendentes. Dito por outras palavras,

num primeiro caso, é apresentada à criança a palavra global para em seguida a decompor em sílabas e letras; num segundo caso, apresenta-se à criança uma palavra com sentido e, partindo-se da sílaba, vão-se estabelecendo associações com vogais e consoantes. Estes métodos incorporam características dos métodos globais – como a actividade da criança – e dos métodos silábicos – como a progressão sistemática. Deste ponto de vista, o acto de ler compreende duas ações que devem ser, se possível, paralelas: a identificação visual dos signos gráficos e as relações grafema-fonema. Para além disso, estes métodos facilitam actividades de análise (para descobrir a letra) e de síntese (para formar as sílabas), tornando o processo de aprendizagem da leitura activo e interactivo.

Não obstante o método adoptado no ensino da leitura, é importante que a simultaneidade que se estabelece entre os processos de análise e de síntese também se estabeleça entre estes e o ensino da linguagem escrita. Como defendem Viana e Teixeira (*idem*: 100):

[...] ao contrário do que acontece com a linguagem falada, a linguagem escrita tem especificidades que só a prática, sem reflexão, não consegue dominar. Se aprender a ler fosse tão natural como aprender a falar, decerto não haveria tantos analfabetos, nem tantas crianças com dificuldades no domínio desta competência.

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender o que alguém lê, é necessário saber como são os seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. [...] Sendo assim, fica evidente que cada leitor é co-autor. [...] cada um lê e relê com os olhos que tem [...] compreender e interpretar a partir do mundo que habita.

Leonardo Boff

1.2. Constrangimentos na aprendizagem da leitura

Sendo claro que o sujeito-leitor, o objecto-texto e as interacções que se estabelecem entre o sujeito e o texto são os elementos principais na actividade de ler, não deve ser menos claro que a progressão da leitura nas crianças se processa conforme a sua evolução no que diz respeito à sua maneira de ver e interpretar o mundo. Por outras palavras, as experiências que elas vão construindo do mundo conduzem a uma representação do mesmo. Na interacção do leitor com o texto verifica-se uma actualização de informação, mais especificamente entre os esquemas conceptuais daquele e a informação obtida neste. Desta interacção espera-se que se forme a representação individual ou interpretação subjectiva (Costa, 1992:76) mas, para que isso aconteça, é necessário que os textos lidos se enquadrem nos esquemas conceptuais das crianças.

Nesse sentido e como refere Costa (*idem*: 81-82), é importante considerarmos as estratégias de leitura que exercem um papel essencial na compreensão dos leitores. Por um lado, as estratégias cognitivas relacionadas com a competência linguística dos leitores, que ocorrem de forma consciente, e que são utilizadas, sobretudo, no tratamento automático de informação. Por outro lado, as estratégias metacognitivas que

consistem em fontes suplementares de conhecimento linguístico e às quais se associa o reforço da atenção. Há que considerar ainda estratégias de leitura que apoiam o processo de compreensão dos textos, designadamente o estabelecimento de um objectivo definido e o controlo da compreensão, que se processa através do relevo na atenção, bem como em procedimentos de revisão, sumariação, auto-interrogação e reformulação de procedimentos (Kato, 1987: 108, citado por Costa, *idem*: 82).

Todos ouvimos, no entanto, os desabafos dos professores (particularmente dos professores de Português) quanto ao facto de os alunos não lerem. Alguns argumentam que os media e as novas tecnologias são meios muito competitivos contra a leitura, mas Pennac (2001:70) interroga-se sobre se o motivo para os alunos não lerem estará mesmo nos media:

Pois bem, apesar de saber qual o papel desempenhado pela televisão na adolescência de Mathieu, de Leila, de Brigitte, de Camel ou de Cédric, o professor continua a aprovar, bem sublinhado a caneta vermelha, quando Cédric, Camel, Brigitte, Leila ou Mathieu afirmam que a TV [...] é o inimigo Número Um do Livro – e se virmos bem também o cinema –, pois tanto uma como o outro pressupõem a mais amorfa passividade, enquanto que ler resulta de um acto responsável (*MB!*) [*sic*].
Aqui, no entanto, o professor pousa a caneta, ergue os olhos como um aluno que sonha, e interroga-se – sem que ninguém oiça, claro – se alguns filmes, apesar de tudo, não lhe deixaram recordações de livros.

Talvez os motivos para que se evite a leitura não residam apenas nas “agressivas” solicitações desta sociedade de consumo e de informação em que vivemos, mas no facto de os problemas detectados pelos alunos no acto de ler terem muito a ver com as suas dificuldades ao nível da competência linguística e das implicações destas na sua auto-estima. Face às dificuldades sentidas, é comum os alunos afirmarem que não gostam de ler, dando vida a um ciclo vicioso de cada vez menos leitura e, conseqüentemente, concebendo a leitura como difícil e aborrecida. De facto, o acto de ler é complexo e implica algumas condições que, no seu conjunto, facilitam ou limitam este mesmo processo. Como refere Sim-Sim (2002: 5):

A complexidade envolvida no processo de aprendizagem da leitura requer do aprendiz de leitor motivação, vontade, esforço e consciencialização do que está a ser aprendido. Por sua vez, a morosidade inerente ao domínio desta competência exige, também, que o seu ensino se não limite à descodificação alfabética e se prolongue, de forma sistematizada e consistente, ao longo de todo o percurso escolar. [...] Parafraseando Goethe, a aprendizagem da leitura é uma tarefa para a vida inteira.”

Talvez a desmotivação dos alunos pela leitura não tenha tanto que ver com uma questão de preguiça ou até mesmo de desinteresse, mas sobretudo com dificuldades ao nível da compreensão da informação macro e micro-textual e do estabelecimento (ou não) de relações entre as várias partes constitutivas de um texto, ao nível do léxico pouco desenvolvido, do desconhecimento de estratégias para inferir sentidos e de uma correcção sistemática do aluno em situação de leitura em voz alta. Acresce a valorização da resposta formal e única, em detrimento da experiência pessoal dos alunos, que manifesta uma concepção do texto “como objecto «repressivo», isto é, que contém perfeitamente e totalmente configurados os sentidos a extrair, não prevendo nem permitindo a cooperação interpretativa dos leitores” (Sousa, *idem*: 120).

Em *Como um Romance*, Pennac (2001: 71) salienta esta tendência do professor para impor aos alunos o que ele entende como adequado ou até do seu próprio interesse, em vez de dialogar com os alunos no sentido de auscultar interesses, gostos ou dificuldades. Quando interroga um professor, relativamente ao que espera dos seus alunos, o autor contra-argumenta com o que, de facto, acontece frequentemente:

- O que eu espero é que eles deixem de ouvir os *walkmans* e que de uma vez por todas comecem a ler a sério.
- De modo nenhum... O que tu queres é que eles entreguem boas fichas de leitura acerca dos romances que *tu lhes impões*, que eles interpretem correctamente os poemas que *tu escolheste*, que no exame final analisem com elegância os textos da *tua* lista, que «comentem» judiciosamente ou «resumam» inteligentemente o que o examinador lhes pôs debaixo dos olhos naquela manhã... [...]

É neste sentido que Sousa (*ibidem*) reflecte sobre o facto de, muitas vezes, os professores não promoverem o envolvimento pessoal dos alunos nos textos que lêem e

analisam, favorecendo actividades de leitura seguidas do exercício questionário e criando situações que se aproximam “perigosamente das situações de avaliação pura”. Um conhecimento de estratégias de leitura e um plano de leitura delineado pelos e para os alunos são, por isso, aspectos a ter em conta na preparação das aulas de língua².

A influência das novas tecnologias de informação e do audiovisual na sociedade actual é uma realidade indiscutível que, no nosso entender, pode ser acompanhada pelo esforço que todos nós precisamos de fazer para “contagiar” os nossos alunos com o prazer de ler e de ler em voz alta, de modo a recuperar-se o gozo gregário de contar estórias. Todavia, e retomando a paráfrase de Goethe (citada por Sim-Sim, 2002: 5), de que a leitura é uma tarefa para a vida inteira, devemos ainda considerar o papel das bibliotecas neste importante processo de crescimento humano. A aprendizagem ao longo da vida dá-se num contexto informal – extra-escolar – e de grande liberdade, pelo que as bibliotecas hoje em dia são um organismo cada vez mais activo e em crescimento, caracterizando-se por estabelecerem inúmeras e constantes interacções com as comunidades envolventes. Neste sentido, a leitura e o desenvolvimento de competências inerentes a um bom nível de literacia não estão confinados a uma aprendizagem formal, fomentada na e pela escola, mas prolongam-se para além desta através de uma participação construtiva das bibliotecas na vida dos cidadãos – na sua generalidade – cedendo o acesso livre e sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação.

² No programa de Português de 10º, 11º e 12º anos (2002: 26), por exemplo, advoga-se que “no acto de ler encontramos um tempo lúdico e de evasão, sendo por isso necessário que ele figure entre as actividades comuns do quotidiano” e sugere-se que “para que os alunos desenvolvam o hábito de ler, propõe-se a criação de um espaço dedicado à leitura recreativa de textos de reconhecido mérito literário, de autores maioritariamente contemporâneos, das literaturas nacional e universal, capazes de transformar os alunos em leitores mais assíduos, quer ao longo do percurso escolar quer ao longo da vida. Nesse espaço, deve ser dada importância aos gostos e interesses dos alunos, cabendo ao professor a sua orientação [...] No **contrato de leitura** cabe a ambas as partes estabelecer – professor e aluno – as regras fundamentais para a gestão da leitura individual, procurando factores de motivação para que esta aconteça.

A tecnologia do futuro requer, não milhões de homens letrados, prontos a trabalharem em unísono, em tarefas repetitivas nem a obedecer cegamente a ordens, mas homens que possam formular juízos críticos, que possam encontrar os seus caminhos através de ambivalências novas, que estejam aptos a localizar novos relacionamentos dentro da realidade rapidamente em mutação.

Toffler

1.3. Como a aquisição de competências de literacia facilitará o cumprimento dos *Objectivos de Desenvolvimento do Milénio*

Se até há alguns anos atrás, quando se falava de analfabetos se designavam as pessoas que não sabiam ler nem escrever, hoje em dia, falar-se de iliteracia não se resume apenas às actividades de ler e de escrever. O termo literacia ganhou uma dimensão muito mais alargada e nem sempre consensual.

Actualmente, um cidadão com elevados níveis de literacia é um cidadão que adquiriu não só determinadas competências, como também as sabe usar adequadamente nos diferentes contextos sociais em que vive. O *Australian Stamp Bulletin* (no. 203 January-March 1990: 10) realça que a literacia envolve a integração da audição, fala, leitura, escrita, pensamento crítico e numeracia. Ana Benavente (1995: 23) sublinha que a literacia tem que ver não com o que as pessoas aprenderam em determinado momento das suas vidas, mas antes com a sua capacidade de usarem o que aprenderam em situações da vida. Dito por outras palavras, a literacia consiste na capacidade de processamento da informação escrita na vida quotidiana. Como refere Francisco (2008: 7), citando Ana Benavente e Rosa (1995), o domínio de “coisas simples” do dia-a-dia requer literacia, nomeadamente para preencher um cheque, entender uma prescrição médica, consultar um horário de autocarro, pedir correctamente uma informação de

modo a ficar esclarecido, tratar do IRS, saber calcular uma taxa de juro ou procurar emprego através dum anúncio de jornal.

Mota (2005: 9) defende que a literacia é uma capacidade de uso de competências que não se pode restringir a um determinado momento e que não é válido para todo o tempo e sempre. Por conseguinte, os níveis de literacia têm que ser vistos no quadro dos níveis de exigência duma sociedade num determinado momento. A própria democracia determina o enquadramento destas exigências, como condição de cidadania. As acções de entender, organizar, reflectir, interpretar e inter-relacionar são acções constitutivas do conceito de literacia, que são fundamentais para a compreensão do mundo, da vida e dos fenómenos sociais. O exercício duma cidadania plena requer dos cidadãos a interpretação dos fenómenos complexos da contemporaneidade que os envolvem, bem como a participação plena na governação dos estados.

Roberto Carneiro (*ibidem*: 41) advoga que a iliteracia é um obstáculo real ao desenvolvimento, à qualidade da vida colectiva e uma barreira ao progresso da cidade, explicitando a sua concepção sociológica do termo do seguinte modo:

A plenitude da literacia ultrapassa os meros conteúdos técnicos ou curriculares para abarcar referenciais axiológicos – pessoais e sociais – que determinam a consciência do bem comum, o rigor moral (ético) na conduta quotidiana, a noção do esforço e a primazia da responsabilidade pessoal.

Tendo em conta as exigências do mundo de hoje, sobretudo em termos profissionais e sociais, torna-se imprescindível que as pessoas exerçam efectivamente competências como as de liberdade e de autonomia, que participem activamente na vida social e cívica, de modo a que sejam garantidas mais condições pessoais de empregabilidade e de integração plena num sistema produtivo complexo.

No âmbito do Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (1996), Jacques Delors identifica os quatro pilares da educação para o século XXI: *aprender a ser*, *aprender a conhecer*, *aprender a fazer* e *aprender a conviver*, integrando-os numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. Segundo o autor, o *aprender a ser* consiste no desenvolvimento de uma cada vez maior autonomia, discernimento e responsabilidade social; o *aprender a conhecer* pressupõe uma cultura geral ampla, potenciando as oportunidades oferecidas pela

educação ao longo da vida; o *aprender a fazer* estende-se para além da qualificação profissional, integrando também a aptidão para trabalhar e para trabalhar em equipa, bem como o aprender a fazer a partir de experiências sociais e de trabalho; e o *aprender a conviver*, reside na sensibilização para a compreensão do outro e para a percepção das interdependências (quer na realização de projectos comuns quer na gestão de conflitos), com vista a fomentar o respeito pelo pluralismo, pela compreensão mútua e pela paz.

Na página electrónica da Unesco podemos ainda ler que a literacia é um veículo para apoiar o cumprimento dos *Objectivos de Desenvolvimento do Milénio* e para dar poder aos pobres, em particular. Como uma componente da educação básica e uma fundação para a aprendizagem ao longo da vida, a literacia é a chave para desenvolver capacidades humanas e para atingir muitos outros direitos. Não obstante a sua importância, a literacia não é, de acordo com Reis (2005), uma competência neutral ou inocente. Como veículo de disseminação de valores e de práticas, a literacia está ideológica e politicamente conotada, pois, no limite, pode ser usada como meio de controlo social e como uma arma progressista na luta pela emancipação.

Face ao exposto, podemos concluir que, apesar de não haver um consenso evidente quanto a um entendimento sobre *literacia*, todos os autores defendem um sentido de liberdade, pensamento crítico e aptidões várias numa aprendizagem progressiva, que se faz ao longo da vida. O princípio da progressão ou da continuidade é, se quisermos, o ponto comum à maioria dos autores. E perante a complexidade que envolve a aquisição e o desenvolvimento das referidas competências é, no nosso entender, essencial que várias instituições – bibliotecas, autarquias, famílias, empresas, associações – articulem a sua acção, no sentido de não se responsabilizar exclusivamente a instituição *escola* por uma aprendizagem que se quer ao longo da vida e que extrapola claramente a educação formal adquirida entre os muros desta instituição. Esta necessidade de articulação e parceria surge como mais evidente se atendermos aos oito *Objectivos de Desenvolvimento do Milénio*³, os quais não dependem inteiramente da aprendizagem adquirida nas escolas, mas que cruzam em larga medida as diversas dimensões sociais e políticas que compõem as sociedades modernas e que passamos a citar:

³ Vide <http://www.un.org/millenniumgoals/>

- 1) Erradicar a pobreza extrema e a fome;
- 2) Alcançar o ensino primário universal;
- 3) Promover a igualdade de género e a autonomização da mulher;
- 4) Reduzir a mortalidade de crianças;
- 5) Melhorar a saúde materna;
- 6) Combater o VIH/SIDA, a malária e outras doenças;
- 7) Garantir a sustentabilidade ambiental;
- 8) Criar uma parceria global para o desenvolvimento.

Não é a ambição nem a busca de riqueza material ou notoriedade que os move... São empurrados pela vontade de ajudar, pela procura de riqueza emocional e pela certeza de poderem dar um contributo para a construção de um futuro diferente e melhor e, assim, fazer a diferença... São voluntários...

in AMI⁴

II. Enquadramento Prático

2.1. Apresentação do projecto

A nossa visão do mundo, da educação e do papel que as bibliotecas têm e podem ter cada vez mais nas vidas de pessoas pobres e sem instrução, faz-nos acreditar que a apresentação deste projecto pode trazer algum contributo enriquecedor para a actividade da Biblioteca Alda do Espírito Santo em S. Tomé e Príncipe. Ao tomarmos conhecimento das necessidades desta biblioteca, principalmente da necessidade de novas ideias para a dinamização da sua acção, concebemos algumas actividades que, não tendo sido realizadas até ao momento por esta biblioteca, possam contribuir para uma intervenção eficaz junto das suas populações.

Todas as actividades são pensadas tendo em conta o contexto para onde vão ser apresentadas, mas o desconhecimento de alguns aspectos locais e organizacionais que não nos foram dados a conhecer, leva-nos a sublinhar que qualquer uma das actividades propostas deve ser ajustada à realidade a que for exposta, conforme as suas especificidades. Dependendo da natureza do grupo de trabalho que implementar estas dinâmicas e da interacção deste com as várias instituições parceiras, maior (ou menor)

⁴ <http://www.ami.org.pt>, acedido em 20 de Outubro de 2011

será o alcance das acções deste projecto. A nossa experiência de colaboração em equipas de trabalho de Bibliotecas Escolares permite-nos afirmar que a partilha do mesmo entusiasmo e a dedicação a um projecto são imprescindíveis para a sua execução plena e positiva.

Em qualquer projecto de voluntariado que participemos, o nosso ponto de partida é assumirmos que o nosso contributo pode fazer sempre diferença – para melhor – no mundo dos outros, por mais pequeno que ele seja. É com esta convicção e acreditando no trabalho que a equipa desta biblioteca já desenvolve, que cremos que este projecto pode mudar um pouco o mundo de outros, que apenas precisam de ser estimulados e cativados para os mundos do livro e da imaginação, bem como levados a acreditar que o futuro pode ser diferente e auspicioso.

2.2. Financiamento do Projecto

Apesar de a contribuição de muitos parceiros na CACAU, um projecto desta dimensão requer alguns custos, quanto mais não seja com as deslocações aos meios rurais, bem como com algumas ferramentas tecnológicas, que podem ser substituídas por outras menos desenvolvidas, mas as quais facilitam muito o trabalho a desenvolver dentro e fora da biblioteca pela sua equipa.

Assim, sugerimos a candidatura do projecto a um financiamento que apoie a implementação de trabalhos deste cariz, por uma instituição com fortes pressupostos educacionais, culturais e de responsabilidade social.

Algumas das instituições portuguesas e internacionais que passamos a mencionar apoiam projectos nas referidas áreas ou mostram receptividade para estabelecer protocolos de cooperação com diversas instituições ou projectos:

- Nações Unidas
- UNICEF
- UNESCO
- União Europeia
- APEL – Associação Portuguesa de Editores e Livreiros

- Instituto Camões
- Fundação Calouste Gulbenkian
- Fundação Galp Energia
- Fundação EDP Ilumina
- Fundação PT

2.3. Cronograma das *Cacautividades*

Actividade	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Poesia da Semana												
Celebração de Efemérides												
Celebração de actividades relativas a cada mês												
Teatro-Fórum												
Ilustração de histórias												
Concurso de escrita												
Tertúlias												
Visionamento de filmes												
Encenação de histórias/ peças												
Voluntários para ler em voz alta												
A arte reinterpretada												
Caça ao livro												
15h non-stop												

Legenda: Foi adoptada aleatoriamente uma cor para cada actividade, assumindo-se o mês de Agosto como o mês de férias.

2.4. Cacautividades

* Poesia da Semana

Procedimento A:

Esta actividade desenvolve-se todas as semanas. Escolhe-se livremente um poema de escritores de língua portuguesa ou, quando assim for adequado, escolhe-se um poema de acordo com alguma efeméride da semana, contextualizando assim o tema retratado no poema escolhido. Numa fase mais avançada do projecto, os próprios leitores-escritores poderão colaborar com os seus poemas, sendo a apreciação e selecção dos mesmos da responsabilidade do grupo de trabalho da biblioteca.

O poema escolhido deve ser trabalhado de uma forma criativa e interessante graficamente e depois impresso e recortado. A sua dimensão deve ser relativamente pequena, de modo a poder funcionar como um marcador de livros (embora não seja obrigatório que funcione sempre assim). A *Poesia da Semana* deve ter sempre o nome do autor que a escreveu e, opcionalmente, a sua data de nascimento e de morte, se for caso disso. Os poemas são distribuídos pelos vários espaços da biblioteca, bem como pelos lugares mais próximos exteriores à mesma, no sentido de se cativar leitores curiosos a irem ver o que se faz na biblioteca ou simplesmente como forma de divulgar poesia pelo público em geral.

No Dia Mundial da Poesia – dia 21 de Março – poder-se-ão juntar todas as “poesias da semana” distribuídas até então e decorar o espaço da Biblioteca, pendurando-as com fio de pesca.

A *Poesia da Semana* tem como objetivos fomentar o gosto pela leitura, desmistificar a ideia de que a poesia é de difícil compreensão, divulgar poesia de escritores de diferentes países de expressão lusófona e criar uma comunidade de leitores diversificada.

Procedimento B:

Esta actividade pode ser apresentada de outra forma. De vez em quando e de acordo com a disponibilidade da equipa da biblioteca sai-se para a rua para ler poesia nos vários sítios da cidade ou da vila. Um grupo de alunos que colabora habitualmente e que participa activamente nas actividades propostas pela biblioteca prepara bem a leitura de alguns poemas que podem ter sido “Poesia da Semana” ou que são alusivos à temática do mês, à efeméride do dia ou da semana. O grupo sai à rua, por lojas, farmácias, cafés..., lendo os poemas que prepararam espontaneamente e surpreendendo as pessoas.

Recursos Materiais:

Folhas de papel colorido;

Impressora;

Fotocopiadora;

Tesoura;

Fio de pesca.

Recursos Humanos:

Equipa da Biblioteca;

Voluntários.

*** Celebração de Efemérides**

Procedimento:

A celebração de efemérides – quer de âmbito nacional, quer de âmbito internacional – pode ser concretizada de diferentes formas, de acordo com a disponibilidade da equipa da biblioteca para produzir apresentações em registo vídeo, em powerpoint, em cartazes, ou noutros tantos registos. Poderá também ser pretexto para convidar escritores, artistas, músicos, políticos e outras personalidades relevantes para virem à biblioteca falar sobre o assunto comemorado em determinado dia.

Os dias de celebração que aqui sugerimos incluem efemérides específicas de S. Tomé e Príncipe, bem como efemérides celebradas internacionalmente. Procurámos diversificar as temáticas e não sobrecarregar cada mês com muitas efemérides, mas só a equipa da biblioteca saberá decidir a frequência com que poderá celebrar as efemérides propostas.

4 de Janeiro – Dia do Rei Amador

23 de Abril – Dia Mundial do Livro e do Direito de Autor

29 de Abril – Dia Mundial da Dança

15 de Maio – Dia Internacional das Famílias

25 de Maio – Dia de África

12 de Julho de 1975 – Dia da Independência de S. Tomé e Príncipe

12 de Agosto – Dia Internacional da Juventude

8 de Setembro – Dia Mundial da Alfabetização

21 de Setembro – Dia Internacional da Paz

1 de Outubro – Dia Internacional da Música/ Dia Internacional do Idoso

16 de Outubro – Dia Mundial da Alimentação

17 de Outubro – Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza

16 de Novembro – Dia Internacional da Tolerância

20 de Novembro – Dia Universal da Criança

25 de Novembro – Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres

1 de Dezembro – Dia Mundial da SIDA
10 de Dezembro – Dia dos Direitos Humanos
21 de Dezembro – Dia de S. Tomé

Recursos Materiais:

Papel;
Cartolinas;
Material de pintura – lápis, aguarelas...
Videoprojector;
Computador;
Câmara de Vídeo.

Recursos Humanos:

Equipa da Biblioteca;
Voluntários;
Convidados para os eventos.

* Celebração de actividades relativas a cada mês

Procedimento:

A cada mês é atribuída uma temática e durante esse mês esta temática é trabalhada, sob a forma de leituras e pequenas apresentações/ projecções na biblioteca.

O objetivo é partilhar textos, excertos de filmes, músicas e imagens, alusivas às temáticas mensais e conduzir os participantes a uma intervenção activa através do desenvolvimento do pensamento crítico, da reflexão e da expressão de opinião em relação às diferentes temáticas abordadas.

Assim, sugerimos a seguinte distribuição temática mensal (que poderá ser alterada de ano para ano, ou não, conforme a receptividade do público):

Janeiro mês das *Chuvas*;
Fevereiro mês do *Amor*;
Março mês do *Fantástico*;
Abril mês da *Primavera*;
Maio mês da *Lusofonia*;
Junho mês da *Música*;
Julho mês das *Viagens*;
Agosto mês da *Saúde*;
Setembro mês do *Cacau*;
Outubro mês da *Adolescência*;
Novembro mês de *S. Tomé e Príncipe*;
Dezembro mês da *Família*.

Recursos Materiais:

Livros;

Videoprojector;

Fotocópias;

Filmes;

Aparelho de som;

Fotografia;

Documentários.

Recursos Humanos:

Equipa da Biblioteca;

Voluntários;

Convidados: escritores, músicos, artistas...

*** Teatro-Fórum**Procedimento:

Mais uma vez em colaboração com as escolas que cooperam com a Biblioteca Solidária Alda do Espírito Santo, um grupo de alunos prepara um teatro sobre duas das temáticas relativas a cada mês, por exemplo, sobre a *adolescência* e a *família*. Estes dois temas são centrais à peça de teatro, que deverá ser constituída por duas situações. O teatro é representado pelo grupo de alunos que escreveu e trabalhou a peça e todos os pais, professores e restantes alunos deverão ser convidados a participar neste evento, que deverá acontecer numa sexta-feira ou num sábado à noite.

No dia do teatro, na plateia, antes de se dar início à representação teatral, o público é levado a conhecer-se e as pessoas estabelecem algum contacto umas com as outras. A pessoa que coordenará o diálogo com o público, solicita a sua colaboração, pedindo que cada um toque em pessoas que tenham uma camisola vermelha; que toque em pessoas que usem óculos; que dê as mãos...estimula-se uma certa empatia de uns para com os outros para que as pessoas mais tarde se sintam à vontade para participarem no teatro.

Posteriormente, em palco, são representadas (à vez) as duas situações que espelham algum conflito ou problema, pelo que deverão ser cenas mais ou menos curtas. Chegados ao momento do conflito, os(as) actores/atrizes interrompem a acção teatral, parando naquele ponto propositadamente. A pessoa encarregue de coordenar o diálogo com o público, questiona-o sobre a melhor solução para a resolução do problema apresentado. As propostas do público são escutadas atentamente pela pessoa coordenadora e uma das várias pessoas do público que intervém para a resolução do problema é chamada ao palco. A pessoa senta-se no lugar do actor ou da actriz que se confrontou com o problema e retoma-se a acção um pouco antes, repetindo-se o que o/a levou até àquele momento de conflito. Aquando do momento de conflito, o participante do público prossegue, apresentando a sua proposta para a resolução do problema. Isto é, o ou a participante deverá tentar resolver o problema actuando como se fosse o verdadeiro(a) actor/actriz.

As situações criadas devem relacionar-se com problemas actuais, que fazem

parte do dia-a-dia das pessoas da comunidade e que geram dilemas éticos cuja resolução não é linear e simples. Assim, será chamado(a) mais do que um(a) participante ao palco, pois não se espera uma solução para o problema à primeira tentativa.

Este tipo de teatro – teatro fórum – permite um exercício de reflexão e de ponderação intenso e imprescindível nos dias de hoje e torna as pessoas mais conscientes, não só no que se refere à origem de alguns problemas como também às possibilidades de resolução. O teatro-fórum conduz à identificação de inúmeras situações de opressão, evidenciando relações de poder desiguais e ajudando os seus intervenientes a libertarem-se dessas mesmas situações.

Este tipo de exercício alerta consciências, potencia uma maior compreensão do outro, favorece a partilha de pontos de vista e traz à colação a resolução de assuntos de vária ordem, favorecendo o desenvolvimento do pensamento crítico e a reflexão dos cidadãos.

Recursos Materiais:

Guião;
Cenário;
Espaço para a realização do teatro-fórum – palco;
Luzes;
Cadeiras;
Adereços.

Recursos Humanos:

Coordenador(a) da actividade;
Actores e actrizes;
Público;
Equipa da biblioteca.

*** Ilustração de histórias**

Procedimento:

O objectivo da ilustração de histórias consiste na compreensão e na expressão do que se lê a partir da leitura de poemas ou textos vários de um mesmo autor, em outra forma de arte: a ilustração ou a pintura. Texto e pintura e/ou ilustração devem, posteriormente, ser expostos na biblioteca, nas escolas parceiras e noutras instituições que cooperem com a Biblioteca Solidária Alda do Espírito Santo. Consequentemente, devem estar disponíveis materiais de pintura numa parte da biblioteca, de modo a que os seus frequentadores possam, por iniciativa própria, mas estimulados e orientados pela equipa de trabalho da biblioteca, realizar a actividade.

Os trabalhos no âmbito desta actividade deverão ser expostos com texto e ilustração lado a lado.

Recursos Materiais:

Papel cenário;

Tintas – aguarelas ou outras;

Pincéis;

Lápis de cor;

Marcadores;

Folhas brancas;

Cartolinas;

Livros: textos.

Projector.

Recursos Humanos:

Equipa da biblioteca;

Voluntários;

Ilustradores;

Público em geral.

*** Concurso de escrita, alusivo à temática de cada mês**

Procedimento:

Em parceria com as escolas, a bibliotecária visita a escola para a sessão alusiva à celebração de actividades relativas a cada mês e, no final dessa actividade, propõe a escrita de textos narrativos (ou de acordo com o género que a professora de Língua Portuguesa estiver a leccionar) relacionados com a temática apresentada. A cooperação entre bibliotecária e professora de Língua Portuguesa é essencial.

Os trabalhos dos alunos são reunidos no final de cada mês e uma equipa de trabalho, constituída por professores colaboradores, bibliotecária, funcionária da biblioteca e um pequeno grupo de alunos – constituindo uma espécie de júri literário – seleccionam o texto com mais qualidade e que entendem dever vencer o concurso. Os alunos vencedores ganham um livro e passam a ser colaboradores especiais da biblioteca – poderão receber um Cartão de Amigo da instituição.

Os trabalhos vencedores poderão ainda servir de ponto de partida para a redacção de guiões/ textos a serem trabalhados pelo grupo do Teatro-Fórum, caso as temáticas e a escrita dos textos sejam pertinentes para a execução da referida actividade.

Recursos Materiais:

Livros;

Papel;

Material de escrita;

Cartão de Amigo.

Recursos Humanos:

Equipa da biblioteca;

Professores(as) de Língua Portuguesa;

Alunos(as).

*** Tertúlias ao final da tarde**

Procedimento:

Esta actividade deve realizar-se no final da tarde de um dia da semana e dirige - se a um público já leitor.

As tertúlias permitirão ao público participante dar opinião, partilhar leituras ou pontos de vista sobre livros que leram, alusivos à temática do mês (ver actividade 3). Os pontos de vista partilhados nestes encontros são reportados no jornal editado pela CACAU.

Estes encontros são sempre acompanhados duma chávena de chá ou de cacau.

Caso a iniciativa tenha sucesso (ou seja, tenha grande receptividade por parte do público, em geral) poder-se-ão realizar as tertúlias com emissão directa na rádio da CACAU, alargando-se o âmbito de divulgação da mesma.

Recursos Materiais:

Livros;

Chá ou cacau;

Chávenas ou copos;

Jornal;

Rádio.

Recursos Humanos:

Equipa da biblioteca;

Público em geral.

*** Visionamento de filmes realizados a partir de livros – cinema ao ar livre**Procedimento A:

Duas vezes por mês, deverão projectar e visionar-se filmes que surgiram a partir de histórias escritas em livro, como *O Carteiro de Pablo Neruda*, de António Skármeta; *O Leitor*, de Bernhard Schlink; *A Casa dos Espíritos* de Isabel Allende; entre tantos outros...ou filmes adaptados a partir de factos históricos do próprio país, como é o caso de *Batepá* de Orlando Fortunato.

O visionamento dos filmes, que poderá ser uma parceria entre o cineclube da CACAU e a biblioteca, pode concretizado de dois modos: conduzindo a uma sessão de análise e debate da temática abordada em cada filme, ou passando partes dos filmes sem som e lendo-se em voz alta a parte que lhes corresponde em livro. Qualquer uma das alternativas deve ser sugestiva e estimular o público ao diálogo.

A temática abordada nos filmes remeterá necessariamente para histórias de outros livros não retratadas em filme, pelo que o que se pretende é que os adultos ou jovens que visionam os filmes reflectam sobre as temáticas, os comentem de forma crítica e construtiva e partilhem opiniões e leituras.

A rádio da CACAU pode ser um bom meio de divulgação, quer da actividade em si, quer dos assuntos discutidos nas sessões durante ou após o visionamento do filme. Para além disso, podem-se estabelecer ligações entre os meios de discussão dos assuntos retratados nos filmes e as temáticas abordadas na própria rádio, reforçando-se, assim, o desenvolvimento do pensamento crítico e a divulgação de informação, bem como a aquisição de conhecimento, importante para a população, no geral.

Procedimento B:

Sugerimos ainda que alguns filmes sejam projectados no exterior da CACAU ou da Biblioteca Solidária Alda do Espírito Santo, mais especificamente numa das paredes brancas do edifício. Esta proposta surge com o intuito de cativar outros públicos, que normalmente não frequentam a biblioteca ou espaços culturais. Assim, as

projecções ao ar livre facilitarão o acesso de outros públicos à cultura, estimulando o seu interesse por estas actividades e atraindo-os para participarem com frequência neste tipo de eventos.

Para as comunidades mais distantes, propomos que duas vezes por mês a equipa da biblioteca se dirija a essas comunidades e projecte filmes ao ar livre. Para isso, é necessário fazer alguma publicidade ao evento, pelo que a rádio pode exercer uma função importante nesse sentido. A equipa da biblioteca deve procurar trabalhar com voluntários, de modo a que estes apoiem a instituição no desenvolvimento deste tipo de actividades. Numa primeira fase, o visionamento dos filmes é importante *per si*, uma vez que se pretende divulgar filmes inspirados na literatura, dando a conhecer diversos registos cinematográficos e estimulando-se as pessoas a descobrirem o prazer do cinema e aprenderem a gostar de cinema. Numa segunda fase, depois de alguma familiaridade com esta actividade, é fundamental que se vão organizando sessões de debate e de partilha de opinião sobre as temáticas abordadas nos filmes projectados, fomentando-se, assim, a reflexão e o pensamento crítico da população, em geral.

Recursos Materiais:

Livros;

Videoprojector;

Filmes;

Documentários;

Espaço para projecção;

Material de som.

Recursos Humanos:

Equipa da biblioteca;

Professores(as);

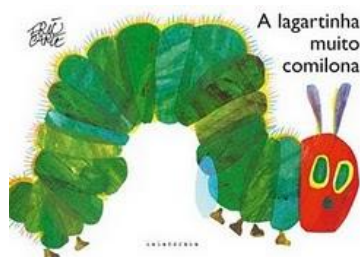
Alunos(as);

Público em geral.

* Encenação de histórias/ peças

Procedimento:

No espaço de entretenimento para as crianças, animadores(as) ou educadores(as) (que colaboram habitualmente com a biblioteca) encenam várias histórias. Um exemplo de um projecto a desenvolver para as crianças é a encenação de *A Lagartinha Comilona* de Éric Carle.



Crianças mais velhas, que passam algum tempo livre na biblioteca, preparam bem a história para a apresentarem a crianças mais novas. O primeiro grupo de crianças constrói materiais alusivos à história, nomeadamente a lagartinha, o casulo, a borboleta, os alimentos que a lagartinha come, o sol... com o apoio de educadores(as) e da bibliotecária vai-se preparando o cenário e os respectivos materiais.

Os materiais devem ser concebidos para manusear de modo a que, depois de contada a história e apresentada a encenação, as crianças possam levantar-se e pegar, mexer nos materiais. A lagartinha pode ser construída a partir de um pedaço de pano, mas a lagarta maior pode ser feita com um pedaço de tubo de exaustor. O tubo é pintado, é feita uma cara à lagarta que, por comer muito, se transforma numa lagarta grande. Os olhos da lagartinha e da lagarta maior podem ser dois berlindes ou dois botões. Os alimentos podem ser construídos com materiais vários, como esferovite, e depois pintados e espetados em paus de espetada.

Cabe aos animadores(as) e educadores(as) usarem da imaginação para motivar as crianças na encenação e entusiasmar as crianças que vão ouvir a história e assistir à encenação para uma participação activa na mesma. Esta actividade pode ser aplicada e ajustada a outras histórias.

Recursos Materiais:

Livro de leitura;

Mesa;

Lençol branco;

Berlindes;

Botões;

Pedaço de pano;

Arame;

Paus de espetada;

Fantoches;

Papel de seda;

Fita-Cola;

Cola;

Estrutura de metal;

Sediela;

Tubo de exaustor;

Tintas ou sprays;

Pincéis.

Recursos Humanos:

Equipa da biblioteca;

Animadores(as) ou Educadores(as);

Crianças;

Professores(as).

*** Voluntários para ler em voz alta: os jovens mais velhos lêem às crianças mais novas**

Procedimento:

Os alunos que constituem o grupo de jurados do concurso de escrita criativa (*vide* actividade 6) e os alunos que vão ganhando prémios, conquistando o estatuto de Amigos da Instituição, são motivados para exercerem voluntariado uma vez por semana na Biblioteca Solidária Alda do Espírito Santo. Assim, a partir de uma bolsa de jovens voluntários calendarizam-se acções de leitura em voz alta a desenvolver pelos voluntários às crianças mais novas, estimulando o contacto entre gerações e fomentando o sentido de cidadania dos voluntários.

Recursos Materiais:

Livros.

Recursos Humanos:

Voluntários;

Crianças;

Bibliotecária.

*** A arte reinterpretada**

Procedimento:

Projectam-se quadros de pintores famosos em papel cenário, marcando-se no papel as linhas e formas das imagens de determinado quadro e deixa-se o papel em cima de mesas com material de pintura. A bibliotecária pode dar início ao trabalho para que quem passa perceba o que pode fazer e como pode participar. A equipa da biblioteca deve de incentivar os seus frequentadores a experimentarem a tarefa.

Quando estiverem terminadas, as novas obras de arte são expostas na biblioteca e noutros espaços exteriores a esta, como a escola, a casa da cultura ou nos espaços de instituições parceiras da biblioteca. Poder-se-á ainda propor uma avaliação desta actividade, a partir da eleição do quadro preferido dos participantes.

O objectivo desta actividade é os jovens e/ou adultos que frequentam a biblioteca contribuírem individual e colectivamente para a criação de um trabalho artístico, reinterpretando obras de arte a partir do seu ponto de vista, gerando uma visão partilhada de determinado quadro. Esta reinterpretação pode ser concretizada a partir do uso de aguarelas, lápis de cera, colagens de papel de revistas, de pedaços de tecidos ou de outros materiais que os participantes achem interessantes.

Recursos Materiais:

Projector;

Papel cenário;

Lápis de carvão;

Tintas;

Pincéis;

Lápis de cor e de cera;

Pedaços de tecido;

Revistas;

Tesouras;

Cola;

Algumas obras sobre arte.

Recursos Humanos:

Equipa da biblioteca;

Público em geral.

*** Caça ao livro**

Procedimento:

Esta actividade poderá desenvolver-se de duas maneiras: no interior ou no exterior da biblioteca solidária.

No seu interior, a equipa da biblioteca organiza uma caça ao livro a partir de um jogo de pesquisa e leitura de partes de histórias de vários livros, o qual constituirá um conjunto de pistas para os participantes chegarem à descoberta de uma história ou de um determinado livro.

No seu exterior e com o objectivo de atrair o público que, normalmente, não frequenta a biblioteca, faz-se o mesmo tipo de actividade de pesquisa e de leitura, mas em vez de as pistas estarem em livros arrumados em estantes, estão escondidas no jardim mais próximo da biblioteca onde se desenrola a actividade.

A mobilidade de actividades como esta permite que o público que passa pelo local possa ficar de alguma forma curioso em relação ao que ali se passa e procure participar na actividade ou se sinta compelido para ir ver o que se faz na biblioteca. Neste sentido, deverão calendarizar-se horas destinadas à participação dos jovens e horas destinadas à participação dos adultos, uma vez que a actividade deve ter graus de exigência diferenciados.

No final da actividade, os participantes vencedores do desafio recebem um livro, o seu filme correspondente (se o houver) ou um CD.

Recursos Materiais:

Livros/ Dicionários;

Papel;

Material para escrita;

DVDs;

CDs;

Cronómetro.

Recursos Humanos:

Equipa da Biblioteca;

Professores(as);

Alunos(as);

Público em geral.

***15h non-stop**

Procedimento:

Esta actividade consiste num dia aberto às populações da cidade e arredores, oferecendo um conjunto de eventos que foram sendo desenvolvidos ao longo do ano na e pela Biblioteca Solidária Alda do Espírito Santo, em parceria com escolas e outras instituições.

Durante *15 horas non-stop* a equipa da biblioteca juntamente com a sua bolsa de voluntários proporcionam ateliers de pintura para ilustração de histórias, sessões de debate, sessões com escritores, músicos, ilustradores, artistas das várias áreas, sessões de leitura em voz alta, exposições, visionamento de filmes e documentários, uma feira do livro, um teatro-fórum...um pouco de todos os eventos que fizeram parte do trabalho da equipa da biblioteca ao longo de todo um ano de actividade.

O jornal e a rádio da CACAU terão um papel essencial na divulgação e no acompanhamento desta actividade.

Recursos Materiais:

Livros/ Dicionários;

Papel;

Material para escrita;

Videoprojector;

DVDs;

CDs;

Papel cenário;

Tintas;

Pincéis;

Lápis de carvão;

Lápis de cor e de cera;

Pedaços de tecido;

Revistas;

Tesouras;

Cola;

Fita-cola;

Sediela;

Chá ou cacau;

Chávenas ou copos;

Jornal;

Rádio.

Materiais Humanos:

Equipa da biblioteca;

Voluntários;

Público em geral.

Considerações Finais

Apresentado o projecto na sua dimensão teórica e prática, com propostas para serem implementadas num contexto de carência literária elevada, é nosso desejo que o passo seguinte seja um novo contacto com a instituição, no sentido de lhe apresentar este trabalho. Propomo-nos ainda apoiar a Biblioteca Solidária Alda do Espírito Santo de qualquer outra forma que considere pertinente, nomeadamente numa possível candidatura para financiamento deste projecto às instituições anteriormente referidas (ou outras) ou numa participação directa na implementação do projecto e seu acompanhamento.

Apesar de o que podemos ler na página electrónica da CACAU, relativamente à ignorância como sendo um dos maiores problemas a resolver e um dos maiores impedimentos ao desenvolvimento, cremos que a determinação e a crença de quem dinamiza projectos deste cariz são qualidades fundamentais para a obtenção de resultados positivos. Não obstante esta perspectiva, também entendemos que a educação é um processo complexo e demorado, que exige paciência e tempo.

Algumas das actividades aqui propostas, nomeadamente as encenações, foram já realizadas com jovens com repetido insucesso escolar que acabaram por abandonar a escola. Numa última oportunidade para fazerem a escolaridade obrigatória, estes jovens integraram um programa para a inclusão e a cidadania (PIEF), no qual tiveram que realizar sessões de voluntariado em instituições locais e construir todos os materiais relacionados com a encenação de uma história lida por eles. Houve muitas resistências a vencer e, sobretudo, uma baixa auto-estima a valorizar, mas estes jovens acabaram por se empenhar e desenvolver todos os passos necessários para a concretização do seu projecto de voluntariado e das respectivas actividades, apresentando-o publicamente.

À semelhança do exemplo que aqui mencionamos, acreditamos que é possível cativar os jovens e adultos que contribuem para os elevados níveis de iliteracia em S. Tomé e Príncipe. Combater o desinteresse e a ignorância é uma luta árdua e demorada. Porém, a determinação e confiança dos que acreditam neste tipo de acção são decisivas para contagiar esses mesmos jovens e adultos a cederem às maravilhas da leitura, da partilha de livros e de histórias, contribuindo inquestionavelmente para o seu crescimento humano e, conseqüentemente, para uma melhoria das suas condições de vida bem como para um enriquecimento das gerações futuras.

Constrangimentos e limitações do trabalho

Num mundo de mediatismo e de evolução acelerada das novas tecnologias, torna-se-nos natural ansiarmos pela obtenção de resultados rápidos e imediatos a partir das acções que empreendemos no nosso dia-a-dia. Como referimos anteriormente, a educação resulta num processo complexo, sujeito a vários constrangimentos e dependente de inúmeras condições sociais, económicas e familiares daquele(a) ou daqueles(as) que são alvo deste processo. Assim sendo, educar exige dedicação, tempo, paciência e muita persistência.

Relembrando que o contexto para que este projecto foi concebido se caracteriza por elevados níveis de iliteracia, temos de considerar que a sua implementação possa – inicialmente – ser demorada, no sentido de se virem a observar muitas resistências por parte das populações locais e, sobretudo, desinteresse ou até desconfiança por parte de jovens que não atribuem qualquer importância à aprendizagem formal ou que, por norma, não frequentam espaços culturais. A maior dificuldade na concretização deste projecto poderá ser o primeiro envolvimento dos jovens e até dos adultos nas *Cacautividades*.

Do ponto de vista da organização e implementação do projecto poder-se-ão verificar algumas limitações no que se refere aos recursos humanos e aos recursos materiais. A dinamização das *Cacautividades* passa pela constituição de uma equipa de trabalho de alguns elementos – preferencialmente com áreas de formação distintas mas complementares – necessários para a concretização das propostas apresentadas. Prevê-se, portanto, a necessidade de contratação de profissionais com formação específica nas áreas inerentes à organização e dinamização da biblioteca, o que pode ser um constrangimento em termos de disponibilidade financeira da instituição.

Em termos dos recursos materiais, entendemos que todas as actividades poderão ser adaptadas aos recursos existentes na biblioteca e na comunidade, mas ainda que se reduzam as necessidades ao mínimo, serão sempre necessárias algumas ferramentas tecnológicas – como videoprojector, aparelho de som, computador – que facilitarão uma implementação mais eficaz e frutífera deste projecto. Parece-nos, pois, importante o estabelecimento de protocolos de cooperação com instituições e empresas locais, bem como a candidatura do projecto para financiamento a algumas instituições que já mencionamos no capítulo relativo ao financiamento do projecto.

Bibliografia

- Australian Post (1990), *International Literacy Year 1990, Australian Stamp Bulletin*, no. 203, January – March, p.10.
- Benavente, Ana *et al.* (coord.) (1996), *A literacia em Portugal. Resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Benavente, Ana e Rosa, (1995), “Literacia e cidadania” in Salgado, Lucília, “Literacia e aprendizagem da leitura e da escrita”. Lisboa, Ministério da Educação.
- Boff, Leonardo (1997), *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Costa, M. Armanda (1992), “O processo de compreensão na leitura e o conhecimento linguístico”, in Delgado-Martins, M. R. *et al.*, *Para a Didáctica do Português – Seis Estudos de Linguística*. Lisboa, Edições Colibri, 75-117.
- Francisco, Rita (2008), *Literacia*. Coimbra: Faculdade de Economia.
- Moura, Helena Cidade (Org.) (2005), *Diálogos com Literacia*. Civitas – Associação da Defesa e Promoção dos Direitos dos Cidadãos.
- Nunes, Henrique Barreto (1998), *da biblioteca ao leitor estudos sobre a leitura pública em Portugal*. Braga: Autores de Braga.
- Pennac, Daniel (2001), *Como um Romance*. Porto: Edições ASA.
- Sim-Sim, Inês (2002), “Prefácio” in Viana, Fernanda Leopoldina e Teixeira, Maria Margarida (2002), *Aprender a ler da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: Edições ASA.
- Toffler, A. (1972), *O choque do futuro*. Rio de Janeiro: Artenova.
- Viana, Fernanda Leopoldina e Teixeira, Maria Margarida (2002), *Aprender a ler da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: Edições ASA.

Páginas Electrónicas:

- www.ami.org.pt/ (acedido em 20.10.2011)
- <http://www.cacaucultural.com/cacau.php?valor=5> (acedido em 21.10.2011)
- <http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf> (acedido em 20.09.2011)
- <http://www.un.org>
- <http://www.apel.pt/pageview.aspx?pageid=103&langid=1>